



EDUCAÇÃO e Emergências Climáticas

1 FUNDAMENTOS
CONCEITUAIS

Realização:



Parceiros:



Assistência Técnica:



EDUCAÇÃO e Emergências Climáticas

1 FUNDAMENTOS CONCEITUAIS

Outubro, 2025

Realização:



Parceiros:



Assistência Técnica:



REALIZAÇÃO

Consórcio Interestadual Amazônia Legal

Helder Zahluth Barbalho
Presidente do Consórcio

Marcello Brito
Secretário Executivo

Vanessa Duarte Emenergildo
Diretora Executiva

Pedro Firmo
Coordenador

Cicília Prado de Sales
Saul Isaías
Assessores

Instituto Unibanco

Ricardo Henriques
Superintendente Executivo

Mirela de Carvalho
Núbia Freitas Silva Souza
Ricardo Madeira
Tiago Borba
Gerentes

Alan Ary Meguerditchian
Barbara Caroline de Sousa Appolinário
Carolina Fernandes
Carine dos Santos Nascimento
Fernanda Aoki
Rafael Brum
Coordenação de Relações Institucionais

Barbara Caroline de Sousa Appolinário
Carolina Fernandes
Leitura Crítica

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)

Joaquin Gonzalez-Aleman
Representante do UNICEF no Brasil

Layla Saad
*Representante-adjunta do UNICEF
no Brasil*

Mônica Pinto
Chefe de Educação

Ana Carolina Fonseca
Cynthia Elena Ramos
Danilo Moura
Isabele Villwock Bachtold
Leitura crítica

Vozes da Educação

Carolina de Oliveira Campos
Coordenadora

Giovanna Matias Soares
Vanessa Pereira Terra
Pesquisa e Sistematização

Ana Terra C. Viana
Projeto gráfico e diagramação

Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar do Amazonas

Euzivaldo Queiroz
Fotografia

Outubro, 2025



Foto: Euzivaldo Queiroz

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
2. POR QUE FALAR DE EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS NA EDUCAÇÃO?..	5
2.1. O QUE SÃO EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS?	7
2.2. RISCOS, AMEAÇAS, VULNERABILIDADES E CAPACIDADES	8
3. GESTÃO DE RISCOS E DESASTRES NA ESCOLA	14
3.1. O QUE FAZER ANTES DA EMERGÊNCIA?	15
3.2. O QUE FAZER DURANTE A EMERGÊNCIA?	18
3.3. O QUE FAZER DEPOIS DA EMERGÊNCIA?	19
4. ESCOLAS RESILIENTES: UM CAMINHO POSSÍVEL	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PRÓXIMOS PASSOS	23
6. REFERÊNCIAS	24

1. APRESENTAÇÃO

A Amazônia Legal ocupa cerca de 60% do território nacional e abriga aproximadamente 29 milhões de habitantes. Essa região é marcada por diversidade geográfica, ecológica e sociocultural, composta por grandes centros urbanos, áreas rurais remotas e territórios indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais que preservam modos de vida e saberes ancestrais. Essa complexidade impõe desafios específicos à formulação e à implementação de políticas públicas, especialmente na área da educação.

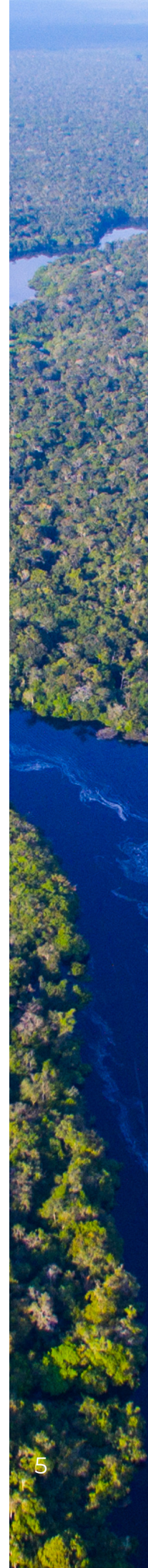
No contexto da crise climática global, as emergências socioambientais têm se tornado mais frequentes, afetando diretamente o cotidiano escolar. Fenômenos como enchentes históricas, secas prolongadas, ondas de calor, queimadas com fumaça tóxica, terras caídas e deslizamentos de barrancos já comprometem a frequência e a permanência dos estudantes, fragilizando o vínculo com a escola e a segurança de toda a comunidade escolar.

Diante desse cenário, torna-se importante construir referenciais que orientem a atuação de redes e escolas. Este caderno foi elaborado para apoiar gestores da Amazônia Legal, oferecendo diretrizes contextualizadas que contribuem para fortalecer a resiliência das escolas, proteger suas comunidades e assegurar o direito à educação em situações adversas.

A crise climática já produz impactos concretos e desiguais entre os territórios. Preparar os sistemas educacionais para enfrentá-los significa reconhecer a relevância da Amazônia na agenda climática global e reafirmar o compromisso com a justiça territorial, social e ambiental.

É nesse contexto que o Consórcio Amazônia Legal, por meio da Câmara Setorial de Educação, em parceria com o Instituto Unibanco, o UNICEF e o Vozes da Educação, apresenta este caderno orientador. O documento organiza conceitos sobre emergências climáticas e eventos extremos em linguagem acessível e oferece orientações de gestão que podem apoiar redes e escolas em seus processos de preparação e resposta.

Nosso objetivo é apoiar a reflexão e a construção de estratégias que protejam as escolas e assegurem os direitos de crianças e adolescentes em contextos de crise, valorizando as experiências, saberes e estratégias já presentes nos territórios.





2. POR QUE FALAR DE EMERGÊNCIAS CLIMÁTICAS NA EDUCAÇÃO?

Enchentes fora de época, secas prolongadas, queimadas e fumaça tóxica, deslizamentos de barranco e terras caídas passaram a fazer parte do cotidiano educacional, especialmente na Amazônia Legal. Esses eventos afetam a frequência e a permanência dos estudantes, além de ampliar o nível de evasão escolar: quanto maior o tempo de afastamento, maior o risco de não retornarem. Também comprometem a infraestrutura das escolas, sobrecarregam o trabalho das equipes e fragilizam o bem-estar de toda a comunidade escolar.

Falar de emergências climáticas na educação é reconhecer que os fenômenos extremos impactam diretamente o funcionamento das redes e das escolas. Significa compreender que esses sistemas são atingidos em múltiplas dimensões e que, mesmo diante das adversidades, precisam seguir garantindo segurança, aprendizagem e proteção de crianças e adolescentes.

Preparar redes de ensino e escolas para lidar com essas situações é também cuidar das pessoas que delas fazem parte. Cabe às Secretarias assegurar políticas, recursos e articulação intersetorial; e às escolas, transformar esses apoios em práticas de proteção, acolhimento e reconstrução. A retomada do aprendizado o quanto antes é um direito dos estudantes e um passo decisivo para superar os efeitos de uma crise e/ou emergência.

Por isso, esta seção discute por que o tema deve estar presente no planejamento educacional em todas as instâncias, ao destacar o papel estratégico da gestão de rede e da gestão escolar na criação de estratégias consistentes de preparação e enfrentamento.

¹ [Eventos climáticos destroem escolas e causam perda de R\\$ 1,6 bilhão à educação \(2025\).](#)

² [Eventos climáticos destroem casas e distanciam crianças das escolas na Amazônia \(2025\).](#)

UM DESAFIO CRESCENTE NA AMAZÔNIA LEGAL

A Amazônia Legal tem vivenciado, com frequência cada vez maior, os efeitos das mudanças climáticas, e as escolas estão entre as primeiras a sentir as consequências. Entre 1991 e 2024, mais de 7 mil escolas públicas foram danificadas e outras 1.578 destruídas por desastres. Esse impacto estrutural se torna ainda mais grave quando se observa o perfil populacional das áreas de risco: cerca de 25% da população atingida por eventos extremos têm menos de 14 anos. Ou seja, uma em cada quatro pessoas expostas às emergências climáticas é criança.

Esses dados reforçam que:

- /// Os eventos têm ocorrido com mais intensidade e
- /// regularidade;
- Os estudantes são atingidos de forma desproporcional.

Diante desse cenário, é importante reconhecer que os impactos não se restringem aos danos estruturais. Eles interferem no calendário, reduzem o número de dias letivos, impactam no planejamento dos educadores, na saúde da comunidade e no acesso à escola. Enchentes, por exemplo, podem tornar vias intransitáveis e comprometer salas de aula; enquanto estiagens dificultam o abastecimento de água e da merenda escolar e próprio deslocamento em várias comunidades que dependem do rio.

Foto: Euzivaldo Queiroz



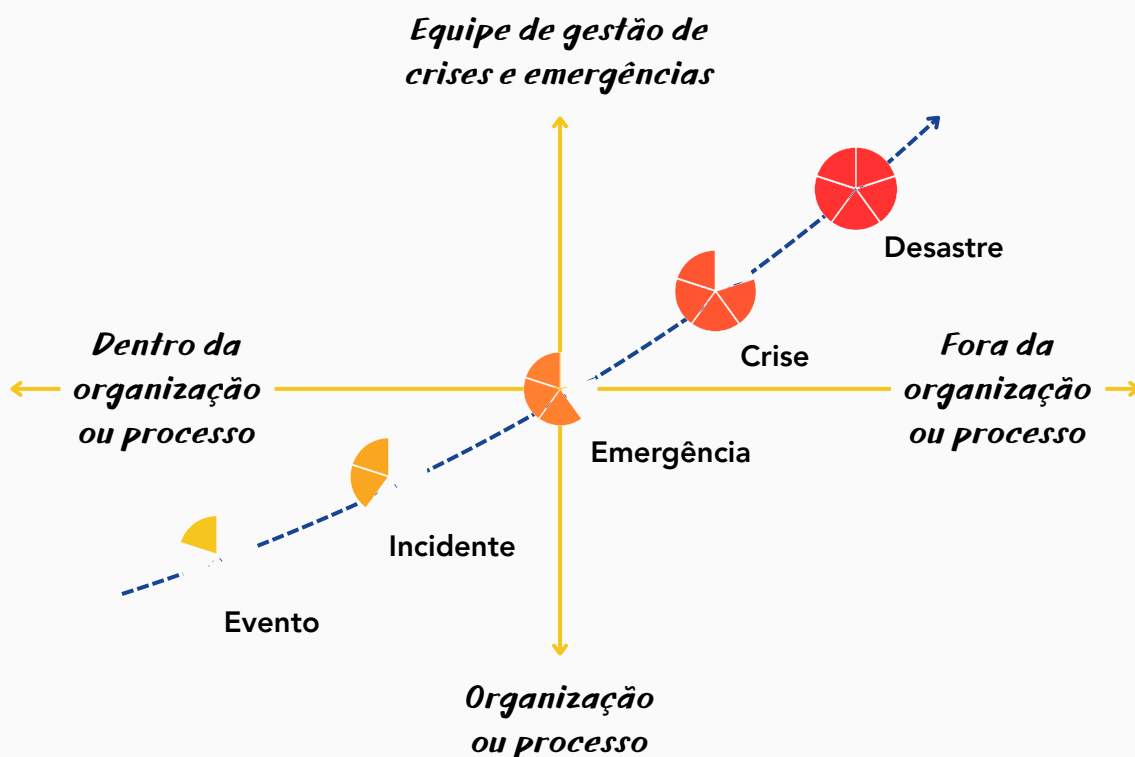
2.1. O que são emergências climáticas?

Emergência climática é uma situação adversa causada por eventos extremos, como enchentes, secas prolongadas, queimadas ou ondas de calor. Quando esses fenômenos severos, muitas vezes relacionados às mudanças no clima, atingem escolas, colocam em risco a vida, a saúde e o bem-estar de estudantes e profissionais da educação.

DO EVENTO AO DESASTRE: DIFERENTES ESTÁGIOS

Situações adversas podem evoluir em diferentes estágios até se transformarem em desastres. Compreender essa escalada permite que redes e escolas atuem de forma preventiva e coordenada, reduzindo riscos e minimizando os impactos.

ESCALADA DE UM EVENTO COM CONSEQUÊNCIAS NEGATIVAS



Fonte: adaptado de "Incidentes, Emergências, Crises e Desastres: como caracterizá-los?".

³ No Brasil, ainda não há uma definição legal consolidada para emergência climática. O Projeto de Lei nº 3614/2024, em tramitação, propõe incluir esse conceito na Política Nacional sobre Mudança do Clima (Lei nº 12.187/2009). Internacionalmente, a expressão ganhou força em 2019, quando "climate emergency" foi escolhida como a palavra do ano pelo Oxford Dictionaries,

Imagine, por exemplo, algumas situações do cotidiano escolar:



Uma escola que amanhece cercada pela água da cheia e precisa suspender as aulas;



Uma escola urbana que precisa interromper as aulas por causa da fumaça das queimadas;



O transporte escolar que deixa de circular porque a ponte foi destruída;



A dificuldade de receber merenda ou água potável durante uma estiagem;



O calor extremo que compromete o conforto térmico das salas de aula.

Você já passou por isso ou conhece alguém que já vivenciou essa realidade?

Se a resposta for sim, é sinal de que sua rede ou sua escola já vivenciou uma emergência climática. Mesmo quando não há grandes destruições, os efeitos desses eventos aparecem no cotidiano da educação: é preciso reorganizar o calendário, rever a logística do transporte, reparar danos em prédios e enfrentar a ausência de estudantes, professores e funcionários.

Além desses ajustes imediatos, as emergências também podem gerar traumas, afetar a saúde mental e fragilizar a rede de proteção contra violências. Esses impactos repercutem tanto na gestão da rede quanto na gestão escolar, trazendo novos desafios para garantir o cuidado com a comunidade escolar e a continuidade do direito à aprendizagem.

2.2. Riscos, ameaças, vulnerabilidades e capacidades

Para que redes e escolas possam se preparar de forma mais segura diante das emergências climáticas, é fundamental compreender alguns conceitos que orientam o olhar e apoiam a tomada de decisão. Termos como risco, ameaça, vulnerabilidade e capacidade são usados por órgãos como a Defesa Civil, mas também dialogam diretamente com o cotidiano da gestão.

Pense em perguntas como:



Qual é a chance de uma cheia afetar sua escola nos próximos meses?



Quais fragilidades tornam a estrutura ou a comunidade escolar mais exposta?

- /// Que recursos e estratégias a rede e a escola já possuem para lidar com essas situações?
- /// Como eventos extremos podem ter afetado o funcionamento da escola, mesmo quando o prédio não foi atingido, mas estudantes, professores e famílias foram impactados?

Essas questões fazem parte da lógica de análise de riscos. Nas páginas a seguir, cada conceito será detalhado com exemplos práticos e próximos da realidade educacional, ajudando gestores a identificar caminhos possíveis para planejar, proteger e agir com mais segurança.

RISCO

É a chance de que algo ruim aconteça. No caso das emergências climáticas para a educação, o risco é a possibilidade de que um evento climático afete a rede ou a escola de forma negativa, seja colocando em perigo a segurança das pessoas, interrompendo as aulas ou dificultando a aprendizagem de crianças e adolescentes.

O risco não depende só do tipo do evento (por exemplo, uma enchente ou uma seca), mas da forma como a rede, a escola e a comunidade estão preparadas para lidar com ele. Ele é uma combinação de três elementos: a **ameaça**, a **vulnerabilidade** e a **capacidade de resposta**.

COMO RECONHECER UM RISCO?

Você pode começar identificando quais eventos climáticos extremos já afetaram sua rede, sua escola ou comunidades próximas (ameaças), avaliando quais fatores dificultaram a resposta (vulnerabilidades) e quais recursos ajudaram a enfrentá-los (capacidades).

AMEAÇA

É o evento que pode acontecer e causar impactos negativos. No caso das emergências climáticas, a ameaça para a educação pode ser uma enchente, uma seca prolongada, um incêndio florestal, uma tempestade com ventos fortes ou outros fenômenos extremos.

Esses eventos nem sempre ocorrem com a mesma frequência em todos os lugares. Em algumas regiões, as enchentes são mais comuns; em outras, a seca é o maior problema. Identificar quais eventos costumam acontecer ajuda redes e escolas a se preparar melhor e proteger toda a comunidade escolar.

COMO RECONHECER UMA AMEAÇA?

Você pode observar quais eventos climáticos já afetaram o seu município, a sua rede, a sua escola ou comunidades próximas. Por exemplo: se uma escola já precisou suspender aulas por causa da fumaça das queimadas, isso indica que as queimadas são uma ameaça real naquele território.

VULNERABILIDADE

No contexto da educação, é o que aumenta a chance de a rede, a escola ou a comunidade sofrerem mais com um evento climático. Ou seja, mesmo diante do mesmo fenômeno, algumas escolas são mais afetadas do que outras. Essa diferença pode estar ligada a fatores como a localização, a qualidade da estrutura física ou a situação socioeconômica da comunidade. Quanto maior a vulnerabilidade, maiores são os impactos causados por enchentes, secas ou tempestades, entre outros eventos.

COMO RECONHECER UMA VULNERABILIDADE?

Você pode refletir sobre o que torna sua rede ou escola mais exposta ou com mais dificuldade de reagir diante de um evento. Por exemplo: se uma escola não tem acesso alternativo em caso de enchente ou depende de um único fornecedor para o abastecimento de água, essas são vulnerabilidades que precisam ser consideradas no planejamento.

CAPACIDADE

É o conjunto de recursos, estratégias e apoios que a rede, a escola e a comunidade já possuem para enfrentar uma emergência que afete a educação. São esses elementos que ajudam a proteger, reagir e se recuperar dos impactos.

A capacidade pode incluir recursos materiais (como caixas d'água ou kits de higiene), redes de apoio, parcerias intersetoriais ou a experiência das equipes em lidar com situações difíceis.

COMO RECONHECER UMA CAPACIDADE?

Você pode pensar nas soluções que já foram utilizadas pela escola em momentos de crise e nos recursos disponíveis para enfrentar novas situações. Por exemplo: se uma rede ou escola já tem uma rotina para reorganizar as aulas quando há suspensão por conta de alagamentos, ou conta com apoio da comunidade para levar estudantes até a escola, isso demonstra uma capacidade construída.

Compreender esses conceitos ajuda redes e escolas a olharem para sua realidade de forma mais estratégica. Trate-se de identificar os possíveis gargalos e também reconhecer:

- /// O que já funciona bem quando é preciso lidar com uma cheia, uma estiagem ou outro evento climático?
- /// O que tem dificultado as ações das equipes nesses momentos? Há algo que poderia ser reforçado ou articulado com outros parceiros?
- /// Quais decisões, mesmo simples, podem ajudar a proteger estudantes e profissionais e manter o funcionamento com mais segurança?

Esse entendimento é o primeiro passo para planejar ações concretas e construir, junto às comunidades escolares, respostas mais seguras diante das emergências climáticas.

Do conceito à ação

SÍNTESE PARA A GESTÃO

Nesta seção, compreendemos que:

- /// Emergências climáticas como: enchentes, secas, queimadas e deslizamentos já fazem parte do cotidiano de muitas escolas da Amazônia Legal.
- /// Esses eventos afetam não só a estrutura física, mas também a permanência dos estudantes, o bem-estar das equipes e o funcionamento da escola.
- /// Risco é a chance de algum evento adverso acontecer e depende de três fatores: ameaça, vulnerabilidade e capacidade. Compreender esses conceitos ajuda redes e escolas a planejar melhor, fortalecer o que já funciona e agir com mais segurança diante das crises.

Perguntas para refletir com a equipe:

- /// Quais eventos climáticos já afetaram nossa escola, rede ou território?
- /// O que nos torna mais vulneráveis diante desses eventos?
- /// Que estratégias ou recursos já utilizamos com sucesso em situações críticas?
- /// Estamos registrando essas informações de forma sistemática e acessível?

Ações iniciais sugeridas para as redes:

- /// Consolidar dados históricos de emergências climáticas que afetaram escolas nos últimos anos.
- /// Disponibilizar e divulgar informações sistematizadas para apoiar as escolas no diagnóstico.
- /// Criar canais de comunicação ágeis entre a Secretaria de Educação e escolas para registro e acompanhamento de ocorrências.

- /// Oferecer orientações padronizadas para que todas as escolas registrem ameaças, vulnerabilidades e capacidades de forma comparável.
- /// Estabelecer fluxos de apoio técnico e logístico que possam ser acionados rapidamente em situações de crise.

Ações iniciais sugeridas para as escolas:

- /// Criar uma linha do tempo dos eventos climáticos que impactaram a escola nos últimos cinco anos.
- /// Identificar e registrar as principais ameaças, vulnerabilidades e capacidades da escola, considerando aspectos como localização, acessos, infraestrutura, transporte, alimentação, quadro de pessoal e apoio da comunidade.
- /// Reunir a equipe para discutir respostas já adotadas, pontos de atenção e oportunidades de articulação.
- /// Iniciar uma sistematização simples (como um caderno, mural ou planilha) com registros sobre as situações já enfrentadas e as estratégias adotadas.





Foto: Euzivaldo Queiroz

3. GESTÃO DE RISCOS E DESASTRES NA ESCOLA

As emergências climáticas não acontecem de forma repentina: elas resultam da combinação entre risco, vulnerabilidade e capacidade de resposta das comunidades. Para que redes e escolas estejam mais preparadas diante dessas situações, é essencial compreender os diferentes momentos que compõem a gestão de riscos e o gerenciamento de desastres. Esse entendimento organiza as ações de forma clara - antes, durante e depois de uma emergência - e fortalece a capacidade de proteger estudantes, profissionais e comunidades escolares.

Quadro 1: Fases da Gestão de Riscos e Desastres

<i>ANTES</i>		<i>DURANTE</i>	<i>DEPOIS</i>
Prevenção e Mitigação	Preparação	Resposta	Recuperação
<i>GESTÃO DE RISCOS</i>		<i>GERENCIAMENTO DO DESASTRE</i>	

Fonte: adaptado do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil ([Sinpdec](#)).

Essa estrutura apoia redes e escolas no planejamento e na organização das ações. As duas primeiras etapas correspondem à gestão de riscos, cujo objetivo é reduzir danos e fortalecer a capacidade de enfrentamento. Já as etapas que ocorrem durante e após uma emergência fazem parte do gerenciamento do desastre, momento em que a escola precisa lidar com as consequências e buscar formas de se recuperar.

3.1. O que fazer antes da emergência?

Agir antes da emergência é investir na prevenção e na preparação. Isso envolve adotar medidas que reduzam os riscos e fortaleçam a capacidade de resposta de redes, escolas e comunidades escolares diante de possíveis eventos extremos que podem desencadear crises.

Na prática, essas ações podem começar com passos simples e não dependem, necessariamente, de grandes obras. O essencial é observar a realidade local, contar com apoio local ou externo e se organizar com antecedência para proteger a comunidade escolar.

Prevenir e mitigar: o que isso quer dizer na educação?

A prevenção busca evitar que o desastre aconteça. Já a mitigação busca reduzir seus impactos. Ambas podem começar com atitudes simples, como:

- Revisar a infraestrutura das escolas antes do período de chuvas, verificando telhados, calhas e sistemas de drenagem.
- Armazenar materiais escolares e alimentos em locais elevados, especialmente em áreas próximas a igarapés e rios.
- Manter áreas externas limpas, evitando acúmulo de lixo e folhas que possam causar entupimentos.
- Mapear pontos críticos no entorno, como encostas, ladeiras, barrancos e estradas que ficam intransitáveis.
- Cultivar hortas escolares com reaproveitamento de água para enfrentar períodos de estiagem prolongada.
- Garantir formas alternativas e seguras de armazenamento de água.
- Verificar se as condições de saneamento e abastecimento são adequadas e resistem a enchentes ou secas.
- Para redes de ensino: organizar apoio técnico para inspeção preventiva das escolas e disponibilizar orientações padronizadas de segurança.

Preparar-se: quem faz o quê e como se organizar?

A preparação envolve planejar ações que podem ser colocadas em prática quando algum problema ocorrer. Quanto mais objetiva for essa organização, melhor a rede e a escola conseguirá agir com segurança e rapidez. Alguns caminhos possíveis:

- **Definir os papéis da equipe:** quem aciona a rede de apoio, quem entra em contato com as famílias, quem organiza a saída dos estudantes;
- **Manter uma lista atualizada de contatos importantes:** transporte escolar, agentes de saúde, Conselho Tutelar, Defesa Civil e responsáveis pelos estudantes;
- **Planejar rotas alternativas de acesso,** especialmente útil em comunidades isoladas ou com acesso difícil durante enchentes;
- **Organizar um ponto de apoio seguro,** dentro ou fora da escola, onde estudantes e profissionais possam ser acolhidos em caso de necessidade;
- **Conversar com a comunidade escolar sobre o tema,** explicando o que fazer em situações como fumaça intensa, suspensão de aulas ou falta de transporte;
- **Definir procedimentos** e rotas de evacuação;
- **Contar com protocolos para garantir a continuidade do contato** com os estudantes e dos estudos quando a suspensão das aulas for inevitável;
- **Manter as equipes** capacitadas e preparadas.

Preparar-se não é motivo para pânico, mas uma forma de criar condições para que a escola e a comunidade ajam com calma, cuidado e responsabilidade diante das incertezas.

O QUE A SUA ESCOLA FARIA

SE O ACESSO PRINCIPAL ESTIVESSE BLOQUEADO AMANHÃ?

Essa é uma pergunta simples, mas muito importante.

Ela nos convida a refletir:

- Quem a escola deve acionar?
- Como avisar as famílias?
- Onde acolher os estudantes com segurança?

Responder a essas perguntas com antecedência é o que dá origem a um plano de resposta a emergências — mais conhecido como **Plano de Contingência Escolar**.

De onde vem essa ideia?

O Plano de Contingência Escolar é uma orientação nacional, baseada no Plano Nacional de Gestão de Riscos e Respostas a Desastres Naturais e nas diretrizes da Defesa Civil. Parte do reconhecimento de que, mesmo dentro de um mesmo município, cada escola vive uma realidade única e, por isso, precisa estar preparada com base em seu próprio contexto, cotidiano e estrutura.

Por que esse Plano é importante?

Porque situações de crise nem sempre podem ser evitadas, mas quase sempre podem ter seus danos reduzidos quando há planejamento. Ter um plano claro ajuda a proteger vidas, garantir continuidade educacional e manter a escola como um espaço seguro e de referência, mesmo em dias difíceis.

3.2. O que fazer durante a emergência?

Durante uma emergência ou crise, o mais importante é proteger a vida e o bem-estar das pessoas. Nesses momentos, redes e escolas precisam colocar em prática o que foi planejado, garantindo que a comunidade escolar esteja segura e bem informada.

E o que isso significa na prática?

- /// **Suspender aulas com responsabilidade:** em casos de fumaça intensa, alagamentos ou falta de água, a decisão deve ser comunicada rapidamente às famílias e registrada junto aos órgãos da rede de ensino.
- /// **Manter comunicação clara e empática:** explicar o que está acontecendo, justificar decisões e orientar sobre os cuidados em andamento. Garantir que estudantes e famílias tenham acesso a informações sobre proteção e direitos.
- /// **Ativar a rede de apoio local:** Conselho Tutelar, postos de saúde, CRAS, Defesa Civil, rádios comunitárias e associações locais podem ser aliados fundamentais.
- /// **Definir alternativas a abrigos nas escolas:** junto à Defesa Civil e à Assistência Social, buscar espaços temporários para famílias desalojadas, de forma a evitar a interrupção prolongada das aulas.
- /// **Fortalecer o vínculo com os estudantes:** crises podem fragilizar o laço com a escola. Por isso, é importante manter contato ativo, mesmo quando não for possível a participação imediata nas atividades.

Essas ações, no entanto, não devem ser executadas isoladamente.

É importante que a escola mantenha articulação com a Secretaria de Educação e as coordenações regionais. São essas instâncias que garantem autorização, orientações e suporte técnico e institucional.

3.3. O que fazer depois da emergência?

Quando a emergência termina, o trabalho de redes e escolas ainda não acabou. O retorno às atividades exige cuidado, escuta e planejamento. Essa fase de recuperação é o momento de acolher a comunidade, reconstruir rotinas e dar novo significado à experiência vivida, sempre com responsabilidade e sensibilidade.

Mas por onde começar?



Acolher estudantes e profissionais: muitas pessoas podem ter vivido situações difíceis durante a emergência, como perdas materiais, mudanças de moradia ou impactos emocionais. Promover rodas de conversa, momentos de escuta e retomada gradual das atividades pode ajudar a fortalecer os vínculos e o bem-estar da comunidade escolar.



Avaliar os impactos causados: levantar danos nas escolas (salas, materiais, frequência dos estudantes) e compreender os efeitos mais amplos na comunidade escolar. Mesmo quando a resposta não vem diretamente da educação, reconhecer que estudantes e equipes tiveram perdas significativas ajuda a planejar apoios adequados.



Registrar aprendizados: cada experiência de emergência traz lições importantes. Anotar o que funcionou bem, o que pode ser melhorado e quais estratégias foram acionadas ajuda a fortalecer a preparação da escola para situações futuras.



Atualizar os planos e protocolos: com base na vivência, é possível revisar ações de prevenção, melhorar rotinas de comunicação e ajustar os papéis da equipe. Isso fortalece a capacidade de resposta da escola e torna o planejamento mais realista.



Reforçar a parceria com a comunidade: emergências exigem trabalho conjunto. Envolver famílias, lideranças locais, redes de apoio e regionais de ensino na retomada é importante para reconstruir, de forma colaborativa, escolas mais seguras e resilientes.

Do conceito à ação

SÍNTESE PARA A GESTÃO

Nesta seção, compreendemos que:

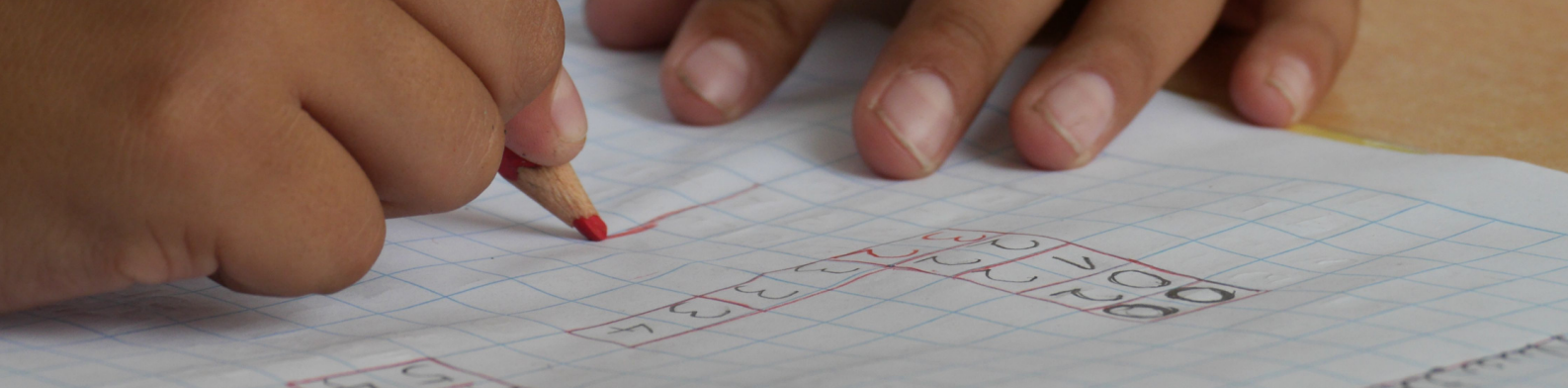
- /// A gestão de riscos e desastres envolve diferentes momentos: antes, durante e depois da crise.
- /// Prevenir e mitigar os riscos significa cuidar da escola antes que o problema aconteça.
- /// Preparar é organizar a equipe, planejar rotinas, registrar aprendizados anteriores e articular parcerias com a comunidade e a rede de apoio local.
- /// Durante a emergência, proteger vidas e comunicar com clareza são prioridades.
- /// Após a emergência, é hora de acolher, avaliar impactos e registrar aprendizados.

Perguntas para refletir com a equipe:

- /// O que já fazemos para reduzir os riscos em nossa rede e escolas?
- /// Temos um plano de contingência para agir em caso de emergência?
- /// Quem são nossos principais aliados fora da escola em momentos críticos?
- /// O que aprendemos com situações anteriores e como estamos registrando isso?

Ações iniciais sugeridas:

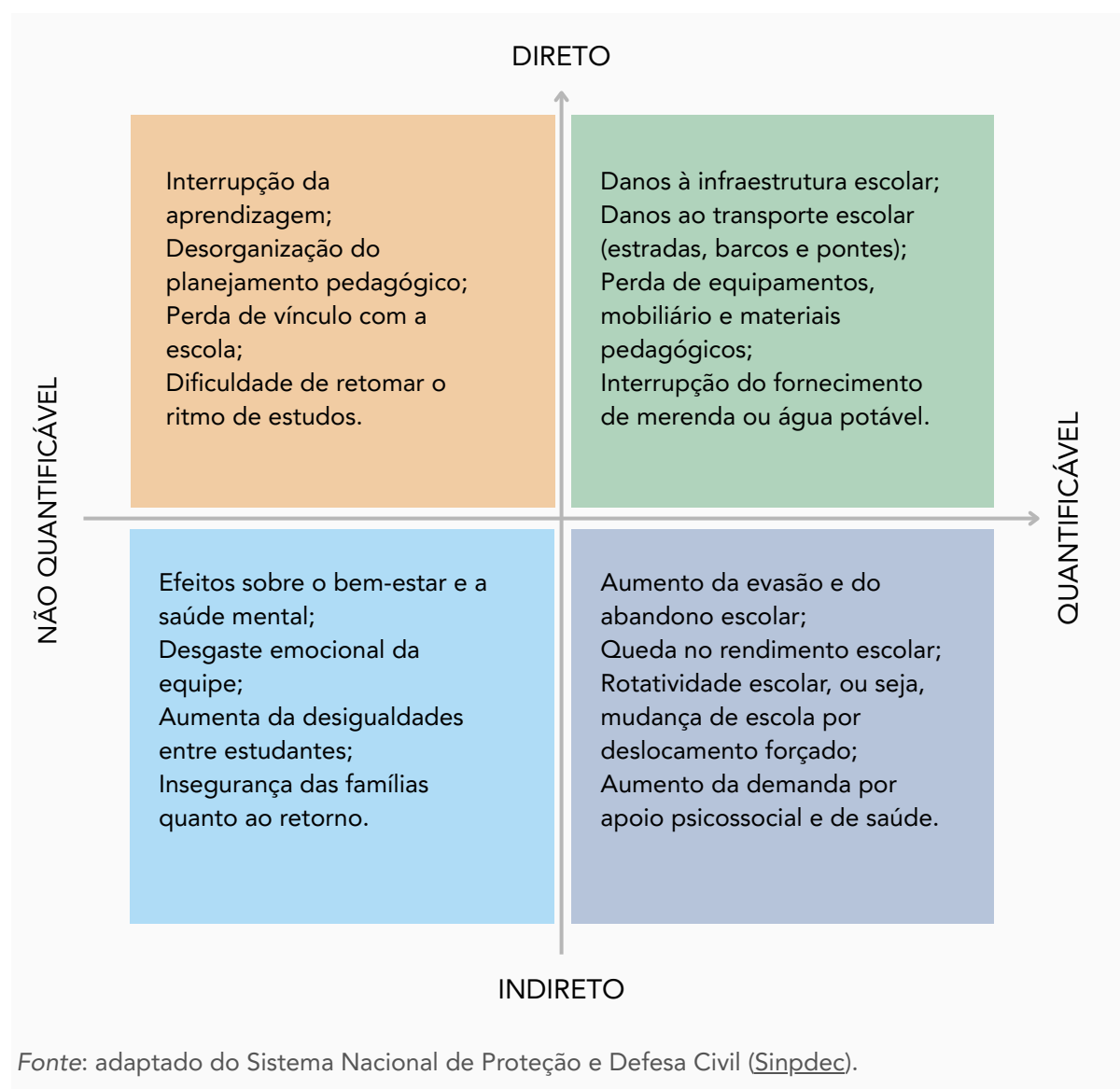
- /// Criar uma agenda anual para revisar estruturas e preparar a rede e as escolas antes dos períodos críticos.
- /// Definir pontos focais da equipe para comunicação, acolhimento e articulação com a rede.
- /// Ter um registro com situações enfrentadas, estratégias adotadas e lições aprendidas.
- /// Estabelecer e manter ativo um canal direto da escola com a rede de apoio local.



4. ESCOLAS RESILIENTES: UM CAMINHO POSSÍVEL

Quando uma emergência climática acontece, a rotina da rede e das escolas é uma das primeiras a ser afetada. Segundo o UNICEF, em 2024, mais de um milhão de crianças tiveram os estudos interrompidos por eventos climáticos no Brasil. Inundações, queimadas, ondas de calor e outros fenômenos extremos dificultam o trajeto até a escola, comprometem a saúde física e emocional de estudantes e profissionais e afetam diretamente a aprendizagem.

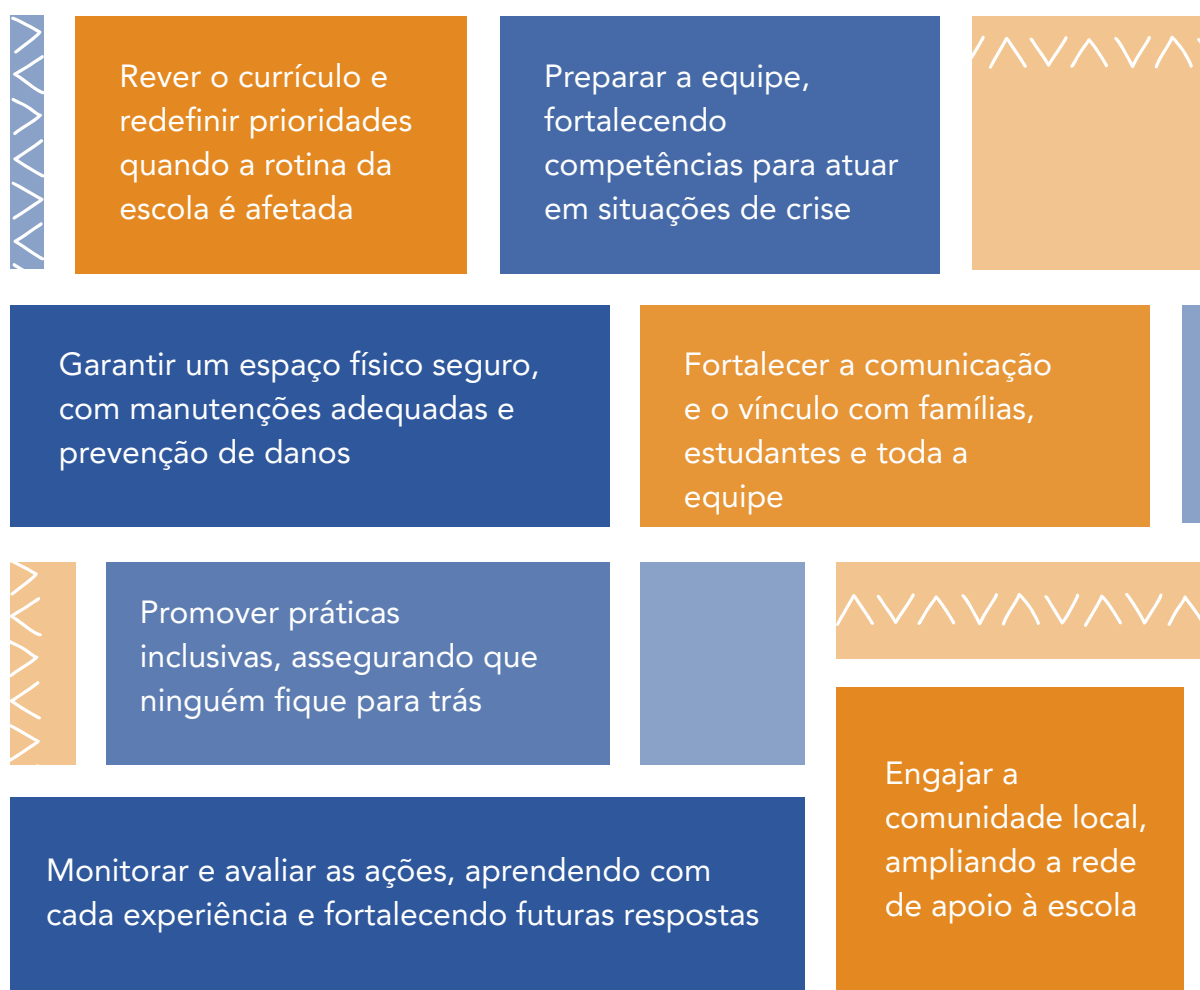
Para facilitar a visualização dos impactos, eles podem ser organizados em eixos:



Como, então, responder a esses desafios?

Uma rede e uma escola resiliente são respostas concretas aos desafios impostos pelas emergências climáticas. Elas não surgem da noite para o dia, mas começam com ações simples, coordenadas e alinhadas à realidade de cada território e comunidade. Fortalecer a resiliência é garantir que os estudantes continuem aprendendo com segurança, que as equipes atuem com confiança e que a comunidade se sinta protegida e acolhida, mesmo nos momentos mais difíceis. **E você, gestor, tem um papel central nisso.**

Na prática, construir uma escola resiliente envolve:



Considerações finais

E PRÓXIMOS PASSOS

Este caderno foi um convite à reflexão e à ação. Discutimos o que são emergências climáticas, como elas afetam redes e escolas, e quais caminhos podem fortalecer a resposta da gestão diante desses desafios. Compartilhamos que os eventos extremos já fazem parte da nossa realidade, e que é preciso planejar, agir com antecedência e cuidar das pessoas em todas as fases da crise.

Ao longo das seções, reforçamos que:

- A escola é um dos primeiros espaços a sentir os efeitos das emergências climáticas;
- Os impactos não se limitam à estrutura física: afetam a permanência dos estudantes, a saúde emocional da comunidade e a continuidade das aprendizagens;
- A gestão de rede e escolar tem papel central na organização das respostas;
- A construção de redes e escolas resilientes é possível, e está em curso em muitas regiões. Ela se faz com ações práticas e coletivas, adaptadas ao contexto de cada realidade.

A partir de agora, vamos aprofundar em propostas ainda mais concretas que possam subsidiar a sua atuação em contextos de emergências climáticas.

REFERÊNCIAS

ALANA; MapBiomass; Fiquem Sabendo. O acesso ao verde e a resiliência climática nas escolas das capitais brasileiras. Novembro 2024.

BRASIL. Decreto nº 10.593, de 24 de dezembro de 2020. Dispõe sobre a organização e o funcionamento do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil, do Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil, do Plano Nacional de Proteção e Defesa Civil e do Sistema Nacional de Informações sobre Desastres. Diário Oficial da União, 28 dez. 2020.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Conheça as 11 estratégias elaboradas para gestão de riscos e desastres. Brasília, 2025.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil – SEDEC; Sub-chefia de Proteção e Defesa Civil do RS. Noções Básicas em Proteção e Defesa Civil e em Gestão de Riscos. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ondas de calor. Brasília, 2025.

CENTRO NACIONAL DE MONITORAMENTO E ALERTAS DE DESASTRES NATURAIS (CEMADEN). Classificação e codificação brasileira de desastres — COBRADE. Brasil, 2017.

INTER-AGENCY NETWORK FOR EDUCATION IN EMERGENCIES (INEE). Global Coalition to Protect Education from Attack. Minimum Standards: About 2024 edition. 2024.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). O arco do desmatamento e suas flechas. São Paulo, 2019.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. Climate Change 2007: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Fourth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2007.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). Climate Change 2022: Mitigation of Climate Change – Working Group III Contribution to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change (AR6 WGIII Full Report). Geneva: 2022.

OXFORD LANGUAGES. Word of the Year 2019: climate emergency. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 2019.

UNESCO. Instituto Internacional de Planejamento da Educação (IIEP). Nossa prioridade sobre resiliência: Quando são resilientes, os sistemas educacionais conseguem se preparar e responder aos impactos negativos de crises. Paris, 2025.

UNICEF. Learning Interrupted: Global Snapshot of Climate-Related School Disruptions in 2024. Nova Iorque: jan. 2025.

UNITED NATIONS FRAMEWORK CONVENTION ON CLIMATE CHANGE (UNFCCC). United Nations Framework Convention on Climate Change. Nova York, Estados Unidos: 1992.

Realização:



Parceiros:



Assistência Técnica:



